

revista Imagine

Acredite

Edição 29 | Ano VI | maio 2025

Jornalismo sério e a serviço dos brasileiros

ENAME

Associação das Engenheiras de Profissão
Arquiteta, Arquiteta e Designer Gráfico

POLIANA KRÜGER: SUPERANDO BARREIRAS E CONSTRUINDO PONTES NA ENGENHARIA

GOVERNO FEDERAL

PRESIDENTE SANCIONA ORÇAMENTO
DE 2025 COM AUMENTO DO SALÁRIO
MÍNIMO PARA R\$ 1.518

SENADO

JORNADA DE 36 HORAS TRARÁ
EMPREGOS E QUALIDADE DE VIDA,
DIZEM DEBATEDORES

CÂMARA

MOTTA REAFIRMA QUE O BRASIL
PRECISA DE UMA MÁQUINA PÚBLICA
MAIS EFICIENTE

Diretor Executivo

Sérgio Botelho Júnior

Editor e Jornalista Responsável:

Sérgio Botelho Júnior
DRT 8318/DF
botelhojunior73@yahoo.com.br

Contato:

(61) 99641-0830

Jornalista:

Tércia Diniz
MTB: 0010821/DF

Diagramação e artes

@emanollo

Fotografias:

- Assessorias
- Agência Senado
- Agência Brasil
- Agência Brasília
- Pixabay
- Freepik
- Wikipédia
- Internet
- E Arquivo Pessoal

**O conteúdo dos anúncios
são de responsabilidade do
anunciante.**

Tiragem

5.000 exemplares
Valor Unit.: R\$ 4,53

CNPJ

28.524.560/0001-64



PÁGINAS AMARELAS

06

Sandro Barros e o Método IQ: uma nova resposta à dependência química no Brasil



CAPA

12

Poliana Krüger: superando barreiras e construindo pontes na engenharia



GOVERNO FEDERAL

20

Presidente sanciona Orçamento de 2025 com aumento do salário mínimo para R\$ 1.518



RELIGIÃO

46

Dom Marcony Vinícius Ferreira recebe título de Cidadão Benemérito de Brasília



SAÚDE

50

Governo Federal lança ação para vacinar quase 30 milhões de estudantes de escolas públicas



SEGURANÇA PÚBLICA

51

Lei do Feminicídio: A importância da divulgação de dados e a década que mudou o combate à violência de gênero



INTERNACIONAL

52

Lula promete "todas as medidas cabíveis" em resposta ao tarifaço de Trump



ECONOMIA

56

70% dos brasileiros apoiam isenção do IR para quem ganha até 5 mil

A DEFESA DO SUS: UM PATRIMÔNIO

Em meio ao debate nas redes sociais sobre críticas infundadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), é necessário reafirmar a importância dessa política pública como uma das maiores conquistas da população brasileira. Criado pela Constituição Federal de 1988, o SUS garante o acesso universal, integral e gratuito à saúde, sendo essencial para o atendimento de milhões de pessoas em todo o território nacional.

Recentemente, a cantora e influenciadora Jojo Todynho fez declarações nas redes sociais questionando a qualidade do atendimento prestado pelo SUS. As falas geraram grande

repercussão, levando o Ministério da Saúde a se pronunciar. Em nota oficial, a pasta destacou que “o SUS é um patrimônio do povo brasileiro, e qualquer tentativa de descrédibilizá-lo é um desserviço à população”.

É importante contextualizar que críticas ao SUS são legítimas quando apontam falhas pontuais no atendimento ou na gestão de serviços locais, o que pode e deve ser aprimorado. No entanto, desmerecer o sistema de forma generalizada, sem base em dados ou conhecimento técnico, contribui para a disseminação de desinformação — um fenômeno cada vez mais usado por setores da

extrema direita para enfraquecer políticas públicas essenciais.

Mais do que consultas em Unidades Básicas de Saúde (UBS), postos ou hospitais, o SUS está presente em várias dimensões da vida dos brasileiros. Ele coordena a fila única de transplantes de órgãos, organiza os bancos de sangue e articula campanhas de vacinação em massa. Também atua na vigilância sanitária de alimentos e medicamentos por meio da Anvisa, assegura a qualidade da água e o controle de doenças por meio de ações em saneamento básico e ainda mantém a rede de farmácias que distribuem medicamentos gratuitos.



MÔNIO DO POVO BRASILEIRO

A desinformação sobre o SUS é parte de uma estratégia de setores conservadores que defendem a privatização de serviços básicos. Enfraquecer a imagem do sistema público é abrir espaço para interesses do mercado da saúde, que nem sempre garante acesso universal e justo aos tratamentos, privilegiando quem pode pagar.

Durante a pandemia de Covid-19, foi o SUS que garantiu o acesso gratuito à vacina, mesmo com o negacionismo de parte da classe política e ataques constantes à ciência. Enquanto outros países enfrentaram

dificuldade para coordenar ações de saúde pública, o Brasil contou com uma estrutura sólida e nacionalizada que salvou vidas — mesmo com sabotagens de agentes públicos contrários à vacinação em massa.

O SUS é uma política de Estado construída por décadas de luta de sanitaristas, profissionais da saúde, movimentos sociais e gestores comprometidos com a saúde como direito. Defender o SUS é defender o Brasil e o princípio de que todas as vidas têm valor, independente da classe social.

Combater as fake news sobre o SUS deve ser uma prioridade da sociedade civil, da imprensa e dos profissionais de saúde. É necessário investir em campanhas educativas, políticas públicas de comunicação e no fortalecimento da confiança da população nas instituições. A desinformação mata — e no campo da saúde, isso é uma verdade literal.

O SUS é nosso — e deve ser tratado com o respeito e o cuidado que merece.



SANDRO BARROS E O MÉTODO DEPENDÊNCIA QUÍMICA

O Brasil enfrenta uma realidade desafiadora. Segundo dados recentes do Ministério da Saúde, mais de 3,5 milhões de brasileiros convivem com algum tipo de dependência química. A maioria deles enfrenta o problema de forma silenciosa, sem acesso a tratamento adequado ou políticas públicas consistentes. Nesse cenário, surgem iniciativas independentes que têm feito a diferença na vida de milhares de pessoas.

É o caso do terapeuta e acompanhante terapêutico Sandro Barros, que há 11 anos atua diretamente na recuperação de dependentes químicos com um método próprio, o IQ – Independência Química. A metodologia, criada a partir de sua própria experiência de superação, já ajudou mais de cinco mil pessoas a retomarem o controle sobre suas vidas, promovendo cuidados nos aspectos físico, emocional, mental e espiritual.

Com 15 anos de sobriedade, Sandro transformou a dor em ação e ampliou seu alcance por meio de atendimentos presenciais e online, oferecendo suporte a pacientes de diferentes perfis e regiões do país e do exterior. Seu trabalho vai além da clínica: ele também realiza ações sociais semanais com foco no acolhimento de pessoas em situação de rua, promovendo jantares comunitários, doações de roupas e encaminhamentos para abrigos.

A iniciativa tem alcançado visibilidade nacional. Sandro já foi entrevistado por programas como o Domingo Espetacular, da Record Internacional, e foi homenageado com duas medalhas de "Paz no Mundo", concedidas por instituições ligadas à ONU, em reconhecimento ao impacto do seu trabalho.

Além disso, ele comanda o programa de TV Uma Dose de Esperança, dedicado à conscientização sobre dependência química e à divulgação de histórias de transformação. A proposta é levar informação, escuta e suporte para aqueles que enfrentam o vício ou que convivem com alguém nessa condição.

Sandro também está presente nas plataformas digitais, onde mantém um canal no YouTube com mais de sete mil inscritos e reúne mais de 540 mil seguidores no Instagram. Por meio das redes, compartilha reflexões, vídeos, lives e conteúdos educativos voltados à promoção da sobriedade e à valorização da vida.

Atualmente, ele cursa Psicologia no Rio de Janeiro, como forma de aprofundar ainda mais seus conhecimentos teóricos e integrar a prática ao saber acadêmico. Segundo ele, a formação complementa a vivência e amplia o entendimento sobre os processos de adoecimento e cura.



O IQ: UMA NOVA RESPOSTA À QUÍMICA NO BRASIL



O método desenvolvido por Sandro parte da premissa de que o tratamento da dependência química não pode ser limitado à abstinência, mas sim ao equilíbrio integral da pessoa. Por isso, o acolhimento é um dos pilares da abordagem, respeitando as particularidades de cada paciente.

A atuação não faz distinções. Homens, mulheres, jovens, adultos, pessoas em situação de vulnerabilidade ou em cargos de destaque, todos são atendidos com a mesma escuta e cuidado. Essa postura amplia a credibilidade do trabalho, que continua crescendo por meio de indicações, relatos e depoimentos espontâneos.

Mais do que tratar os efeitos da dependência, Sandro busca resgatar o senso de dignidade e pertencimento dos atendidos. É essa visão humanizada que sustenta o lema que ele carrega: “Quem não vive para servir, não sabe o melhor de se viver”.

Ao conectar sua trajetória pessoal à construção de um método reconhecido, Sandro Barros se tornou referência em recuperação e prevenção. Seu trabalho aponta caminhos para além dos muros institucionais, unindo técnica, escuta e compromisso social.

Nesta entrevista, ele fala sobre sua história, seus projetos, os desafios do tratamento da dependência química no Brasil e deixa uma mensagem para quem busca retomar o controle da própria vida.

ImagineAcredite: Como você se descreve e o que o motivou a escolher a profissão de terapeuta e acompanhante terapêutico na área de dependência química?

Sandro Barros: Eu não escolhi, eu fui escolhido. Eu fui atrás de um grupo NA e fiz um curso de terapeuta e acompanhante terapêutico na área de dependência química. Uma pessoa me deu a informação errada, que na verdade foi a informação certa, usada pelo Poder Superior, por Deus. E ela falou: “O NA é aqui”. Chegou lá, não era o NA, era um curso de terapeuta e tinham alguns requisitos, um deles é estar 3 anos limpo e naquele dia eu estava fazendo 3 anos limpo e pagar uma taxa de inscrição, naquele dia estava sem dinheiro e era gratuito. Então tudo colaborou para eu entrar para o curso.

Eu entrei no curso querendo entender a mente humana. Eu nunca imaginei ser terapeuta. Era um diploma para deixar na gaveta e pegar um pouco de conhecimento



O GLOBO

CAPA / CIDADANIA



Domingo Social. Uma vez por mês, projeto de recuperação de dependentes químicos concebido pelo terapeuta Sandro Barros faz doação de comida e roupa para pessoas em situação de rua.

Já o terapeuta Sandro Barros, de 49 anos, atua, há nove, na recuperação de dependentes químicos, num trabalho complementar ao da psicologia e da psiquiatria. E ele sabe exatamente o que é estar nessa condição. Conta que viveu por duas décadas, dos 17 aos 37, no mundo das drogas, com vários episódios de overdose e tentativas de suicídio. Hoje, está à frente do Domingo Social, projeto que oferece atendimento gratuito a esse público todo domingo no estacionamento do Freeway Center, na Barra, a partir das 8h. Uma vez por mês, ele e sua equipe saem para levar roupa e comida para pessoas em situação de rua.

— Eu sempre divulgo meu trabalho nas redes sociais, como o que realizo com o ator Sérgio Hondjakoff. Uma vez, uma pessoa comentou: “Você só atende famosos e ricos. E eu, que não tenho condições, como fico?”. Então, respondi: “Vocês tem razão. Vou arrumar uma solução para isso”. Por isso, criei o projeto. Tenho também o Sábado do Preço Social, com um valor mais popular. E de segunda a sexta, atendo com o valor normal —detalha Barros, que também está se formando em Psicologia. — Trabalho com pessoas que deixaram de ver valor na vida. Minha função é inspirá-las e ajudá-las a encontrar esperança, remover bloqueios e mostrar a força que elas têm e não sabem.



científico sobre a mente humana, sobre o comportamento humano. Foi essa intenção, tanto que eu me formei e eu falei: "Poxa, eu acho que eu vou tentar essa profissão". Eu comecei a treinar essa profissão atendendo o travesseiro, como o filme Wilson, o homem falava com a bola, eu falava com o travesseiro para pegar prática. Depois comecei a atender a faxineira, o vidraceiro, o encanador, e depois comecei a atender minha família, e depois com a prática comecei a atender de graça as pessoas. Quando eu estava com confiança, comecei a cobrar um valor baixo.

IA: Sua trajetória pessoal envolve a superação dos vícios. De que forma essa vivência impactou sua atuação profissional e sua missão de vida?

SB: Eu acabei me perdendo nos vícios, 20 anos de doideira, de prejuízos no consumo, três overdoses, tentativa de suicídio, até que eu tive um despertar espiritual com o Poder Superior. A minha história é minha maior riqueza, essa vivência me dá autoridade sobre o assunto, porque eu senti na pele e a minha família também a codependência. Então na atuação profissional, na faculdade, nos cursos, eu consigo entender o conteúdo com mais clareza. A minha missão de vida ficou bem clara, eu estou vivendo o meu propósito.

IA: Você é o criador do método Sandro Barros IQ – Independência Química. Pode nos explicar como funciona esse método e quais são os seus diferenciais?

SB: O método integrado, jeito de ser e maneira de pensar e forma de agir. Eu consigo integrar o jeito de ser, a maneira de pensar e a forma de agir de cada paciente, porque no consumo era de um jeito, na sobriedade é do outro. Quanto mais perto da família, mais longe das drogas; quanto mais perto das drogas, mais longe da família.

IA: Ao longo de 11 anos de carreira, você ajudou mais de 5 mil pessoas. Qual foi o caso mais marcante ou transformador que acompanhou?

SB: Foram vários casos, mas teve um que foi o suicídio e a pessoa conversou comigo na hora e antes de desligar o telefone falou: "Obrigado por tudo, você foi a pessoa mais importante que falou comigo". E nesse momento eu falei: "Poxa, você pode me dar 24 horas (uma técnica de 24h), depois você faz o que você quiser". E ele me deu 24 horas, só que nesse tempo eu mostrei a força que ele tem e não sabia que tem, então eu consegui nessas 24 horas fazer um manejo clínico. E hoje ele faz parte da minha equipe, eu acho que é um caso muito bacana e muitas famílias que eu resgato, eles me chamam de "uma dose de esperança", que é o nome do meu programa de TV. Uma dose não é de álcool, não é

de drogas, é de esperança. Têm muitos resgates online também, como um caso de um policial na Flórida (EUA).

IA: *O trabalho social também é uma frente importante da sua atuação. Como funcionam as ações como jantares comunitários, doações de roupas e acolhimento a pessoas em situação de rua?*

SB: Eu vou com uma equipe e levo todo esse carinho, a música – que é terapia –, o acolhimento, a alimentação, o cobertor, a roupa. Depois das pessoas serem acolhidas, eu ofereço um tratamento gratuito em uma comunidade terapêutica que recebe pessoas em situação de rua, que tem parceria com o governo e as pessoas ficam lá se elas quiserem. Tudo internação voluntária. No final eu faço uma pergunta, depois de ganhar a confiança deles: “O que que você perde de tentar se tratar”? O acolhido fala: “Nada”. Eu falo: “Então, vamos tentar?”. No dia seguinte, ao meio-dia, eu vou lá para pegar ele, às vezes ele tá com mais dois ou três que chamou para ir junto, às vezes ele tá sozinho. Eu ganho o vínculo afetivo e depois levo eles para os lugares que eu já tenho. Tenho uma rede de apoio de tratamento gratuito de comunidades terapêuticas, com trabalho social, que é o domingo social, que é um dia na sociedade, o acolhimento sem fronteiras.

Eu atendi um transexual da Rocinha que falou: “Pô, poxa, você é verdadeiro, você é o mesmo homem do Instagram, tá me atendendo de graça, eu moro na Rocinha, eu sou trans”. Eu criei o “acolhimento sem fronteiras”. Na verdade, essa ideia foi na parada gay de São Paulo que eu tive. “Um dia na sociedade” também é gratuita, os garotos que estavam em situação de rua e já estão há 6 meses de tratamento, nós fazemos um passeio na praia, comemos uma comida diferente.



IA: *Você recebe algum recurso do governo?*

SB: Eu gasto gasolina, pedágio, comida com meu dinheiro. Geralmente, quem me ajuda são meus amigos famosos, anônimos, pessoas que participam de vaquinha, uma rifa. Eu preciso de apoio do governo, emenda parlamentar, para fazer uma sociedade melhor. Eu fiz uma palestra na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) com os deputados e falei: “se eu tô conseguindo resgatar 7, 10 pessoas por semana com meu jeito, com o meu dinheiro, com a ajuda de amigos, imagina com a ajuda do governo e dos políticos”. Eu vou resgatar muito mais gente, vou aumentar a equipe, através do instituto, e vou deixar uma sociedade melhor, com menos pessoas na situação de rua e na drogadição.

IA: *Com mais de meio milhão de seguidores no Instagram e um canal no YouTube, como você utiliza as redes sociais como ferramenta terapêutica e de conscientização?*

SB: A minha rede social tem muito conteúdo de como na prática viver na sobriedade total e também tem a redução de danos, que para mim vai dar errado, mas a pessoa tem o direito de tentar e eu vou apoiar. Eu fiz um acompanhamento que me marcou, a família me ligou, eu fiz a sessão presencial no consultório e eu fui ao Maracanã com essa pessoa que usava cocaína e bebia. Ele largou a cocaína e o álcool e só fuma maconha, numa quantidade reduzida. Isso foi uma redução de danos. As minhas redes sociais são ferramentas terapêuticas de conscientização. Eu faço muitas palestras e acompanho tanto anônimos quanto famosos.

IA: *Você já participou de reportagens em grandes emissoras e foi condecorado com medalhas da ONU. Qual é o impacto desse reconhecimento na continuidade do seu trabalho?*



SB: Impacto gigante, isso me alimenta e me deixa mais forte, isso me faz eu ser quem eu nasci para ser com mais garra, com mais comprometimento da sobriedade. O quanto eu virei exemplo, o quanto eu sou seguido, o quanto eu tô influenciando e estimulando as pessoas. Então, hoje eu achei meu propósito. Eu tenho essa clareza que eu nasci para ser para viver o que eu tô vivendo. Foram 20 anos de consumo, mais de 500 situações de quase morte, vários prejuízos físicos, mentais, emocionais, espirituais e sobrevivi. Então eu sobrevivi para resgatar. Quanto mais eu resgatar, mais eu sou resgatado. Quanto mais eu transformo, eu sou transformado.

IA: O programa “Uma Dose de Esperança” leva a sua mensagem para a TV. Como surgiu a ideia e qual o objetivo do programa?

SB: Começou com o podcast “Uma Dose de Esperança” e “Independência Química”, ambos patenteados e agora tô patenteando o “Super Sóbrio e o Instituto Sandro Barro”. Eu estava atendendo muitos brasileiros que moram nos Estados Unidos, Europa. E a esposa de um paciente, depois que eu tirei esse homem das drogas – ele virou pai e eu sou padrinho do filho dele –, falou que se não fosse eu, ele não seria pai. Ela falou: “Sandro, você é uma dose de esperança para gente”. E eu falei: “Cara, dose de esperança, não é dose de drogas de álcool, mais uma dose do Cazuzu, é uma dose esperança, porque o Cazuzu tem essa música, Mais uma Dose. Aí eu criei esse podcast “Uma Dose de Esperança” transmitida pela emissora de TV do Sul, streaming, com uma grade de segunda, sexta, sábado e domingo. Eu entrevisto médicos, Procuradores da Fazenda, jogadores de futebol, artistas e vários outros terapeutas.



IA: Como estudante de Psicologia, de que forma a formação acadêmica tem agregado à sua prática terapêutica e às suas intervenções?

SB: Tudo que eu aprendo na faculdade, eu pratico antes e depois de aprender, e coloco os conteúdos científicos no Instagram. Eu descobri que nós temos 50 mil pensamentos por dia, 46 mil pensamentos não fazem sentido, só 4 mil que faz, então, a gente às vezes sofre sem necessidade. Eu tô no 8º período de Psicologia, hoje eu tive aula sobre testes, avaliação psicológica, sobre a lei NR 01, que é nova, sobre como as pessoas vão fazer o manejo clínico, como que a gente consegue lidar com a regulação emocional do paciente, quais são os recursos internos que ele tem para tal função da empresa.

O mais legal que eu estava no intervalo da faculdade, uma amiga minha falou: “Sandro, eu tô no primeiro período”. Eu reencontrei com ela, e eu disse que estou no oitavo. Ela: “Ah, que bacana. Você acredita que você foi citado na aula no primeiro período”? Eu falei: “Eu fui citado”? “É, a gente falou sobre dependência química e a professora falou: “Tem um terapeuta, eu sugiro vocês seguirem ele, o Sandro Barros. Ele é um cara que tem um nicho da dependência química, tal. E eu gritei, ele é meu amigo”. Ela ficou toda orgulhosa, porque é minha amiga e eu fui citado. Quando você é citado é porque está fazendo um ótimo trabalho.

Já estão querendo fazer um filme sobre a minha história, uma série na Netflix, curta metragem, média metragem, estão me chamando para o audiovisual direto e tô construindo um livro também que vai ficar pronto ou esse ano ou o ano que vem, o nome do livro é uma Dose de Esperança, que é o mesmo nome do podcast, que eu tenho um canal no YouTube e também do programa de TV Uma Dose de Esperança. O filme que vai sair conta a minha história –, tipo o rock, Jornada do Herói de Hollywood”, você quase morre, três overdoses, é todo um sofrimento, depois você supera as dificuldades e ajuda as pessoas. Graças a Deus estou vivo.

IA: Seu atendimento abrange todas as classes sociais e é feito tanto presencialmente quanto online. Como você garante acessibilidade e eficácia nesses atendimentos?

SB: Eu garanto pela transparência, eu respondo todas as mensagens do Instagram, eu reajo todos os comentários, eu tiro um tempo diário para isso, que isso é importante, não só para ser acessível, mas também para o engajamento, para o meu vídeo ir mais longe. Tem o sábado especial que a pessoa propõe o valor, tem o domingo social que é gratuito, 100%, presencial na Barra da Tijuca no Rio ou online e tem um preço normal que é de segunda a sexta. Fico em um hotel, faço encontros terapêuticos, o cronograma terapêutico é de acordo com o gosto do paciente, se ele gosta de caminhar no calçadão, eu não vou levar ele para



o shopping. Se ele gosta do shopping, eu não vou levar ele para o calçadão, então, eu tenho que ver o que ele gosta e tentar fazer o que ele gosta e fazer esse acompanhamento terapêutico. Sem julgar, sem acusar, sem condenar, porque isso a sociedade já faz. É importante acolher a pessoa.

IA: *Em sua visão, qual é o maior desafio hoje na luta contra a dependência química no Brasil?*

SB: É a negação, o paciente e a família negam muito. O paciente começa a achar que não precisa mais de tratamento, que tá curado e não existe cura, existe tratamento. E a família também, ao invés de ajudar, acaba prejudicando, “quer apagar o incêndio com o álcool, não dá certo, só aumenta o incêndio”. Então têm técnicas assertivas com a pessoa. A família precisa evitar algumas discussões, mas elas criam confusões porque elas estão doentes, criam um conflito e eles se enganam, porque usar droga é pagar para sofrer com a ilusão de ser feliz. A mente humana ilude. Precisamos dar prioridade a saúde mental.

IA: *Para finalizar, que mensagem você gostaria de deixar para quem acompanha sua trajetória e como as pessoas podem entrar em contato com você para buscar ajuda ou parceria?*

SB: Entrar em contato comigo pelo WhatsApp, pelo Instagram, Facebook, YouTube, TikTok. A mensagem é: peça ajuda. É um ato de coragem e sabedoria. Não tente resolver nada sozinho. Ouça um terapeuta, busque uma pessoa para te ajudar. A dependência química é a única luta que a gente vence quando a gente se rende. Aceitar que a doença é: física, mental, emocional e espiritual.

📷 instagram: @terapeutasandrobarros
📘 facebook: @terapeutasandrobarros
📺 youtube: @terapeutasandrobarros
🌐 linkedin: @terapeutasandrobarros
🎵 tiktok: @terapeutasandrobarros
☎ telefone: 21 9 8188 6011
✉ sandro@terapeutasandrobarros.com.br
🌐 www.terapeutasandrobarros.com.br
🌐 www.institutosandrobarros.com.br

POLIANA KRÜGER: SUPERAÇÃO CONSTRUINDO PONTES

Em um setor historicamente dominado por homens, a presença feminina na engenharia ainda enfrenta desafios importantes. Dados do Confea mostram que as mulheres representam menos de 20% dos profissionais registrados no sistema, mesmo com o crescimento nos últimos anos. Dentro desse contexto, histórias como a de Poliana Krüger se destacam ao mostrar que é possível transformar obstáculos em pontes para o futuro.

Engenheira civil, empresária, fundadora de movimentos associativos e liderança reconhecida no Sistema Confea/Crea/Mútua, Poliana construiu uma trajetória marcada por superação e persistência. Sua história entrelaça conquistas profissionais e experiências pessoais, revelando como o apoio familiar e a determinação individual podem ser decisivos para mudar realidades.

A formação em Engenharia Civil veio como resposta à sua paixão pelas ciências exatas e pela construção.



PERANDO BARREIRAS E TES NA ENGENHARIA



Desde a infância, Poliana conviveu com a dislexia, condição que dificultava a memorização de conteúdos, mas que acabou despertando sua afinidade com a matemática e o raciocínio lógico. Observando o trabalho dedicado de seu pai, José Ilton, que começou como pedreiro e se tornou mestre de obras, aprendeu a importância da disciplina e da perseverança. Sua mãe, Maria Helena, com habilidade na administração do lar, foi essencial para ensinar o valor da organização financeira.

Mesmo sabendo que a família não teria condições de custear uma faculdade, Poliana manteve o sonho de se tornar engenheira. Casou-se jovem, teve seus dois primeiros filhos, André e João Pedro, e enfrentou a viuvez aos 24 anos, enquanto concluiu a graduação em Matemática. A dor da perda não a afastou dos seus projetos: além de lecionar, abriu uma loja, que mantém há mais de duas décadas, e seguiu em busca do objetivo maior.

A formação em Engenharia Civil veio como resposta à sua paixão pelas ciências exatas e pela construção. Atuando inicialmente como estagiária na construtora Even, em São Paulo, ganhou experiência prática em canteiros de obras e especializou-se em pós-obra e engenharia diagnóstica. Com o tempo, abriu sua própria construtora, consolidando uma carreira construída com dedicação e presença efetiva dentro das obras.

DA FORMAÇÃO TÉCNICA À CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE MULHERES

A atuação de Poliana nas engenharias ultrapassou a prática profissional e se expandiu para a articulação de uma rede de apoio e protagonismo feminino. Durante a 76ª Semana Oficial da Engenharia e





da Agronomia (SOEA), realizada em Goiás, ela aceitou o desafio proposto por Joel Krüger, então presidente do Confea: criar uma associação independente de mulheres engenheiras, agrônomas e geocientistas.

Foi nesse contexto que nasceu a AMEAG — Associação de Mulheres das Engenharias, Agronomia e Geociências. O nome, inspirado na palavra "amor", refletia o sentimento pelo qual o projeto foi idealizado: amor pela profissão e pela união entre as mulheres. A iniciativa se expandiu rapidamente, com a criação de AMEAGs em vários estados, como Ceará, Acre, Roraima e Paraíba, formando uma rede nacional de fortalecimento feminino.

A construção dessa rede não foi apenas institucional. Representou o resgate da autonomia e da capacidade de decisão das mulheres dentro do sistema profissional. Mais do que criar eventos, a AMEAG estimulou o surgimento de lideranças e projetos que ampliaram a presença feminina em espaços antes pouco acessíveis.

O trabalho foi feito com planejamento e dedicação. Poliana destacou a importância de dar às mulheres não apenas voz, mas também estrutura para atuação política e profissional. A expansão da AMEAG demonstrou a força coletiva das mulheres e a capacidade de transformação social por meio da organização.

PROGRAMA MULHER CREA-SP: UMA LUTA POR REPRESENTATIVIDADE

A trajetória de Poliana marca a criação do Programa Mulher do CREA-SP. Como coordenadora estadual, ela enfrentou a resistência cultural e institucional que ainda marca mui-



tos espaços de poder. Mostrar que diversidade é um tema central para a inovação e a sustentabilidade nas engenharias exigiu diálogo, persistência e clareza de propósito.

Desde o início, a missão era dar visibilidade às mulheres profissionais e criar espaços seguros de escuta, formação e apoio. A construção de equipes regionais, a produção de projetos estratégicos e a elaboração de uma cartilha voltada à inclusão feminina foram algumas das ações implementadas sob sua coordenação.

Um dos maiores desafios enfrentados foi a tentativa de levar o Programa Mulher a todas as entidades de classe do estado de São Paulo. Apesar das dificuldades financeiras e da falta de apoio institucional em alguns momentos, o grupo seguiu em frente, financiando atividades do próprio bolso e estruturando ações concretas.

As dificuldades não impediram que avanços significativos fossem conquistados. Casos de assédio e discriminação foram trazidos à tona, e redes de acolhimento começaram a ser formadas. O trabalho deu visibilidade a uma causa que, por muito tempo, foi tratada como secundária dentro do sistema profissional.

Poliana sempre enfatizou que a luta pela equidade de gênero não é uma pauta isolada, mas um pilar es-

sencial para o fortalecimento da engenharia brasileira. Seu trabalho à frente do Programa Mulher consolidou esse entendimento e abriu caminho para novas gerações de engenheiras.

PARCERIA QUE FORTALECEU A CAMINHADA

A vida pessoal de Poliana também passou por profundas transformações durante essa trajetória. No final de 2020, atravessando um momento de fragilidade após uma separação difícil, ela recebeu uma ligação de Joel Krüger, então presidente do Confea, agradecendo pelo apoio recebido em sua reeleição.

O contato institucional evoluiu para uma relação pessoal baseada em respeito, amizade e parceria. A ligação, inicialmente protocolar, se tornou um momento de acolhimento que marcou o início de uma nova fase na vida de Poliana. Aos poucos, nasceu um sentimento genuíno que culminou no casamento entre os dois.

Joel Krüger, conhecido por sua sensibilidade às pautas de inclusão, tornou-se um parceiro de vida e de luta. Poliana faz questão de ressaltar que sua história profissional foi construída com independência, mas que o apoio de Joel trouxe força adicional para seus projetos e sua atuação institucional.

A parceria entre eles demonstra que relações pautadas pelo respeito mútuo e pela valorização das trajetórias individuais podem potencializar ainda mais a atuação em espaços de liderança. Juntos, continuam a lutar por um sistema mais justo, humano e representativo.

UM LEGADO DE CORAGEM E TRANSFORMAÇÃO

Ao olhar para sua trajetória, Poliana Krüger deseja deixar como legado a coragem. A coragem de persistir diante das dificuldades, de ocupar espaços, de transformar realidades e de construir pontes entre as pessoas.

Sua atuação demonstra que a presença feminina nas engenharias, agronomia e geociências não deve ser vista como exceção, mas como elemento essencial para o desenvolvimento da profissão. Poliana acredita que a transformação começa com exemplos concretos, ações contínuas e a construção de redes de apoio.

Ela também destaca que a verdadeira engenharia não se limita a cálculos e estruturas físicas: é, acima de tudo, a arte de construir conexões humanas. Seu trabalho e sua história mostram que é possível aliar competência técnica, sensibilidade social e compromisso ético para gerar impacto positivo.

Ao incentivar mulheres a acreditarem em seus potenciais e a ocuparem espaços de liderança, Poliana amplia as possibilidades para futuras gerações de engenheiras. Sua trajetória reafirma que mudanças estruturais são possíveis e que a representatividade importa para transformar a engenharia e a sociedade como um todo.

O caminho trilhado por Poliana é um convite para que outras mulheres sigam adiante, conscientes de que, mesmo em terrenos desafiadores, é possível construir um futuro mais justo e inclusivo.



PROTAGONISMO FEM ENGENHARIA NACIO



A luta pela equidade de gênero nas engenharias, agronomia e geociências ganhou um novo capítulo com a realização do 1º Encontro Nacional das Associações de Mulheres da Engenharia, Agronomia e Geociências (ENAME). O evento, que aconteceu em março no Espírito Santo, reuniu mais de 500 profissionais de diversas regiões do Brasil, reforçando a importância da participação ativa das mulheres na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Historicamente, a engenharia e as áreas tecnológicas foram dominadas majoritariamente por homens. No entanto, ao longo dos últimos anos, mulheres têm rompido barreiras, conquistado espaços de liderança e se destacado pela competência técnica e pela capacidade de inovação. O ENAME surge exatamente como

um símbolo dessa transformação: um movimento de mulheres que buscam seu espaço, bem como o reconhecimento de seu mérito e contribuição para o desenvolvimento do país.

Organizado pela Federação Nacional das Associações de Mulheres da Engenharia, Agronomia e Geociências (FAMEAG), sob liderança da engenheira Poliana Krüger, o en-



FEMININO IMPULSIONA A NACIONAL NO 1º ENAME

contro consolidou a importância da união feminina em torno de objetivos comuns. A mobilização de centenas de profissionais, associações e entidades de classe mostrou que a representatividade feminina não é apenas necessária, mas imprescindível para o futuro das engenheiras.

A pauta do protagonismo feminino foi debatida com profundidade durante os três dias de evento. Lideranças políticas, representantes de associações, acadêmicos e profissionais compartilharam experiências, dados e iniciativas que apontam para a necessidade urgente de ações estruturantes para garantir condições de igualdade às mulheres no setor.

IMPACTO E LEGADO DO ENAME

O legado do evento está em seu potencial para remodelar o setor de engenharia. Ao promover a colaboração entre profissionais, entidades e instituições, o ENAME lançou as bases para iniciativas contínuas. Poliana prevê o evento como o primeiro

de muitos, com edições futuras planejadas para aprofundar seu impacto. “Este é apenas o começo de uma jornada para transformar o cenário da engenharia no Brasil”, afirmou.

A mobilização do evento exigiu planejamento e coordenação extensivos. Os desafios incluíram garantir um programa diversificado e acomodar profissionais de diferentes regiões. “Superamos esses obstáculos por meio de trabalho em equipe e parcerias”, explicou Poliana. O envolvimento de entidades como a Mútua e o CREA-ES foi fundamental para o sucesso do evento, demonstrando o poder do apoio institucional.

O ENAME também destacou a importância de aliados masculinos na promoção da equidade de gênero. Poliana reconheceu as contribuições de líderes como Jorge Silva e Joel Krüger, que apoiaram o evento sem ofuscar seu foco nas mulheres. A presença deles reforçou a necessidade de esforços colaborativos para criar ambientes inclusivos, um tema recorrente durante o evento.

APOIO INSTITUCIONAL E PARCERIAS

O CREA-ES, liderado pelo presidente Jorge Silva, foi essencial na realização do ENAME. “O Espírito Santo está ganhando destaque nacional pelo seu desenvolvimento, e sediar este evento reforça nosso compromisso com a inclusão”, disse. A gestão de Jorge foi elogiada por Joel Krüger por seu impacto transformador, posicionando o CREA-ES como modelo para outras regiões. O programa CREA Júnior, destacado durante o evento, foi citado como exemplo de engajamento de jovens profissionais.

Marussa Boldrin, deputada federal e presidente da Frente Parlamentar do Sistema Confea/Crea e Mútua, enfatizou o papel da advocacy política. “De saúde à transição energética, as mulheres devem influenciar as políticas nacionais”, disse. Seu trabalho como relatora de um grande projeto de transição energética na Câmara dos Deputados exemplifica as contribuições das mulheres em áreas estratégicas. A presença de Marussa reforçou a necessidade de mulheres em papéis de decisão.

Olívia Diana, representante da AFEAG Espírito Santo e anfitriã do evento, destacou o esforço colaborativo por trás do ENAME. “Não conseguimos nada sozinhas. O apoio do CREA-ES, da Mútua e da Frente Parlamentar tornou isso possível”, disse. Sua liderança garantiu um ambiente acolhedor para os participantes, promovendo conexões significativas entre eles.

Jacqueline Moraes, secretária de Estado das Mulheres do Espírito Santo, enfatizou a importância de aliados masculinos. “Os homens ocuparam o poder por anos, mas os que estão aqui hoje estão capacitando mulheres ao abrir espaço”, disse. Ela enqua-





drou o Mês das Mulheres como um momento de ação, não apenas de celebração, pedindo esforços contínuos para abrir caminho para as futuras gerações de mulheres profissionais.

HOMENAGENS E RECONHECIMENTO

Durante a abertura, Marussa Bol-drin foi homenageada pela APEAG por suas contribuições à agronomia. “Este prêmio reflete a resiliência de inúmeras mulheres que transformam o campo”, disse. Carmem Eleonora Cavalcanti Amorim Soares, presidente da APEAG Paraíba, explicou que Marussa foi escolhida por seu trabalho impactante dentro do sistema Confea/Crea. O prêmio, iniciado pelas associações membros da FAMEAG, celebrou mulheres que impulsionam o progresso na engenharia, agronomia e geociências.

Eleuicina Maria dos Santos, homenageada pelo Rio Grande do Norte, enfatizou a importância de inspirar jovens engenheiras. “Compartilhar histórias de sucesso e fomentar lideranças são essenciais para combater a discriminação”, disse. Sua homenagem destacou o papel do ENAME em celebrar contribuições diversas enquanto motiva as futuras gerações. O foco do evento em homenagear mulheres reforçou seu compromisso

com visibilidade e reconhecimento.

Carmem Eleonora, que anunciou o prêmio de Marussa, refletiu sobre o impacto mais amplo do ENAME. “Ver tantas trajetórias poderosas mostrou que estamos avançando com competência e propósito”, disse. Ela espera que o evento leve a locais de trabalho mais inclusivos e políticas que priorizem a diversidade, garantindo que as contribuições das mulheres sejam valorizadas.

VALORIZAÇÃO DA MULHER EM ESPAÇOS DE PODER

Luiza Brunet, ativista e atriz, conectou os desafios enfrentados pelas engenheiras às questões mais amplas de violência de gênero. “As mulheres devem persistir e afirmar sua competência, independentemente do gênero”, disse. Sua mensagem ressoou com os participantes, enfatizando a resiliência em campos dominados por homens. Brunet incentivou as mulheres a permanecerem confiantes e a perseguirem carreiras alinhadas com suas paixões.

O discurso de Brunet destacou as barreiras universais enfrentadas pelas mulheres, desde a discriminação no local de trabalho até as expectativas sociais. “Confiança e força ajudarão as mulheres a garantir papéis onde se sintam realizadas”, disse. Sua

presença conectou o foco técnico do ENAME com a advocacy social, reforçando a necessidade de mudança sistêmica.

Ela também abordou a importância de reconhecer a violência em ambientes profissionais e domésticos. “As mulheres na engenharia enfrentam desafios únicos, mas a luta por respeito é universal”, disse. Sua chamada à ação inspirou os participantes a desafiar estereótipos e advogar por tratamento equitativo em suas carreiras.

COMPROMISSO DA MÚTUA COM AS ENGENHEIRAS

Joel Krüger, presidente da Mútua, delineou o papel da organização na promoção da equidade de gênero. O Programa Mulher, iniciado no CREA-SP e expandido nacionalmente, impulsionou iniciativas como o Mútua Mulher, que oferece benefícios como licença-maternidade para engenheiras autônomas e apoio ao empreendedorismo. “São ações concretas para garantir a inclusão das mulheres”, disse. A Mútua também facilita oportunidades de emprego e redes de mentoria.

Durante o ENADE, Joel enfatizou a unidade das associações femininas. “Desafiamos o Confea a formalizar uma entidade feminina em cada estado até março de 2026”, disse. Ele agradeceu a equipe da Mútua, o CRE-A-ES e os patrocinadores, elogiando especialmente a liderança de Jorge Silva. Seu discurso destacou a importância da colaboração institucional na promoção dos objetivos do ENAME. O compromisso da Mútua se estende ao combate à discriminação e à promoção da visibilidade das engenheiras.

AVANÇOS NA EQUIDADE DE GÊNERO

Poliana Krüger reconheceu o progresso na representatividade das mulheres, mas destacou desafios persistentes. “As mulheres muitas vezes são vistas como ‘cotas’ em vez de profissionais meritórias. Precisamos de políticas que abordem barreiras es-

truturais”, disse. Ela citou o aumento da liderança feminina como uma tendência positiva, mas enfatizou a necessidade de mais ações para garantir oportunidades equitativas.

O ENAME abordou a diferença entre igualdade e equidade, um tema central nas discussões. “Igualdade significa oportunidades iguais, mas equidade exige corrigir desequilíbrios, como apoiar mães ou combater preconceitos no local de trabalho”, explicou Poliana.

Participantes, incluindo Elequicina Maria dos Santos, enfatizaram a necessidade de políticas inclusivas. “Programas como o Delas do Sebrae mostram progresso, mas precisamos de mais apoio para mulheres nos setores público e privado”, disse. O evento destacou exemplos de mulheres liderando em sustentabilidade e governança, inspirando pedidos por mudanças sistêmicas mais amplas.

A FAMEAG defende políticas que apoiem a maternidade, o desenvolvimento de liderança e locais de trabalho seguros. “Equidade é sobre dar às mulheres as condições para crescerem sem barreiras desnecessárias”, disse Poliana. O ENAME reforçou a importância de ações contínuas para alcançar esse objetivo, com as associações regionais desempenhando um papel central.

VOZES DAS REGIÕES: LIDERANÇAS FEMININAS NA ENGENHARIA

Juliana Paes, presidente da AMEAG Bahia, enfatizou o papel do evento na quebra de barreiras. “Fazer parte desse movimento é uma grande responsabilidade. Nosso objetivo é contribuir para uma sociedade com igualdade de oportunidades, livre de preconceitos”, disse. Como urbanista em um campo dominado por homens, com quase 75 mil profissionais ativos na Bahia, sua liderança desafia normas tradicionais. Ela destacou que a AMEAG Bahia rejeita sexismos, focando na competência profissional.

Maria Angélica Arantes de Aguiar Abreu, presidente da AMEAG Minas Gerais, destacou a necessidade de resiliência. “As mulheres precisam falar, ser ousadas e construir redes fortes para superar preconceitos”, disse. Ela citou histórias inspiradoras de mulheres bem-sucedidas no ENAME, que motivaram as participantes a buscar papéis de liderança. Maria Angélica espera maior equidade em salários, promoções e inclusão no ambiente de trabalho, além de apoio ao equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

Janeth Fernandes, presidente da AMEAG Amazonas, destacou o valor da representatividade. “O ENAME

reafirmou a importância de as vozes das mulheres serem ouvidas e valorizadas”, disse. Ela acredita que o evento impulsionará políticas para aumentar a participação das mulheres em cargos de liderança, promovendo um setor mais diverso. Suas reflexões enfatizaram o poder da ação coletiva na abordagem de desafios sistêmicos.

Aurea Soares de Campos, presidente da AMEAG Mato Grosso, descreveu o evento como um momento de realização. “Ver tantas mulheres comprometidas com o progresso técnico e social foi inspirador”, disse. Ela elogiou a liderança de Poliana Krüger na criação de um ambiente colaborativo, incentivando as mulheres a ocuparem papéis de liderança dentro e fora do sistema Confea/Crea. Aurea espera que o ENAME acelere políticas institucionais para equidade de gênero.

ESTRUTURA E FUNDAÇÃO DA FAMEAG

A FAMEAG tem estrutura aprovada na ata de fundação sob a liderança de Poliana Siquera Krüger (SP) como presidente, Fernanda Vanhoni (SC) como vice-presidente e Janeth Fernandes (AM) como secretária geral, com Sueleide (TO) como suplente. Outros cargos importantes são ocupados por Paloma (RN) como diretora de Política Profissional, com Adriana Resende (DF) como suplente; Michele (BA) como diretora Administrativo e Financeiro, com Márcia (PR) como suplente; Carmem Eleonora Cavalcanti Amorim Soares (PB) como diretora de Relações Institucionais, com Luine (CE) como suplente; e Alzira (AM) como diretora Social, com Ivina (RR) como suplente.

O Conselho Fiscal é composto por Izabel (BA), Mariana (SP), Viviana (SP), May (RS), Kátia (PB) e Waleska (SP), garantindo supervisão e responsabilidade. “Nossa liderança é diversa e comprometida em transformar discussões em realidade”, disse Poliana Krüger.



DA DOR À MISSÃO: PSICÓLOGO COM DROGAS EM APOIO I



O Transtorno por Uso de Substâncias (TUS) afeta mais de 4 milhões de brasileiros, segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sendo uma das principais causas de internações psiquiátricas no país. Caracterizado por um padrão repetitivo de consumo de substâncias psicoativas, como álcool e drogas ilícitas, o transtorno compromete relações familiares, desempenho profissional e a saúde física e mental do indivíduo.

Em meio a esse cenário, o psicólogo Lucas Cardoso Queirós, de 35 anos, transformou sua própria história de dependência em um projeto de vida. Morador de Brasília, ele atua como

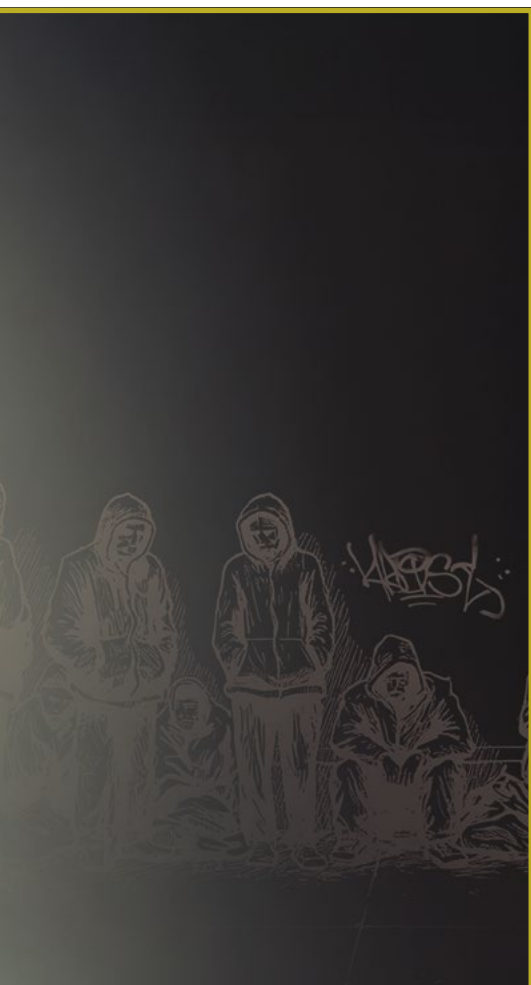
acompanhante terapêutico e fundador de comunidades terapêuticas voltadas à recuperação de dependentes químicos, oferecendo um atendimento que une técnica, acolhimento e vivência pessoal com o transtorno.

Lucas lembra que o ponto de virada ocorreu em um momento de completa desestruturação. “Fiquei desmoralizado, sem vínculos afetivos. Queria muito estar presente no nascimento da minha sobrinha, e isso me fez buscar ajuda”, relembra. Desde então, passou por uma comunidade terapêutica, retomou os estudos, formou-se em Psicologia e seguiu em especializações voltadas à dependência química. Hoje, é pós-graduando

em TUS, conselheiro certificado, associado da ABEAD (Associação Brasileira de Estudos sobre Álcool e Outras Drogas) e agente antidrogas no Distrito Federal.

A experiência pessoal com o uso abusivo de substâncias orienta sua abordagem terapêutica. “Vivi a superação. Entendo a dor do paciente sem julgamentos”, afirma. Para ele, essa conexão empática fortalece o vínculo terapêutico e amplia as chances de sucesso no tratamento. Um dos principais sinais de alerta, segundo Lucas, é o aumento da tolerância: o indivíduo consome em maior quantidade e com mais frequência para obter o mesmo efeito. “Há ainda mu-

GO TRANSFORMA VIVÊNCIA NTEGRAL A DEPENDENTES



danças físicas e emocionais, agitação ou retardo motor, mentiras, manipulações, ausência no trabalho, excesso de festas e novos círculos de amizade que indicam risco”, explica.

O acompanhamento que oferece aos pacientes é integral e, se necessário, contínuo. Ele estrutura um Plano de Atendimento Singular que considera todas as necessidades do paciente. O plano inclui acolhimento residencial com normas e cronograma, apoio à família, psicoterapia duas vezes por semana, participação em grupos como Narcóticos Anônimos (NA), Alcoólicos Anônimos (AA) e Jovens em Ação (JA), além de reuniões em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). “O

acompanhamento é adaptado à realidade de cada pessoa”, destaca.

No processo terapêutico, Lucas também utiliza recursos tecnológicos. Um dos principais é o aplicativo My Journey, que permite monitorar a rotina e o estado emocional do paciente em tempo real. “Três vezes por dia verificamos se o paciente está estável. O gráfico mostra oscilações e o que pode estar causando perturbações. Se houver uma crise, o botão SOS pode ser acionado e o terapeuta é mobilizado imediatamente”, relata. Segundo ele, a ferramenta tem sido decisiva em situações de urgência, incluindo tentativas de suicídio.

O envolvimento da família é parte essencial da metodologia de Lucas. Ele oferece atendimento semanal aos familiares e os incentiva a participarem de grupos anônimos de apoio. “A família é um dos maiores aliados na recuperação. O diálogo, acolhimento e amparo são fundamentais. O dependente muitas vezes causa traumas em casa, e os familiares também precisam de acompanhamento”, afirma.

Como fundador da CT San Diego e da Actio House, Lucas implementou estruturas modernas e estratégias terapêuticas que se diferenciam das comunidades tradicionais. “Trabalhamos com os avanços tecnológicos, estrutura adequada e técnicas específicas como a indução à fissura em ambiente controlado, que prepara o paciente para lidar com gatilhos reais”, explica.

Além do trabalho clínico, Lucas participa ativamente do

debate sobre políticas públicas voltadas à prevenção e ao tratamento da dependência. Sua atuação como agente antidrogas e membro da ABE-AD fortalece a capacitação de profissionais da área. “Contribuímos com desenvolvimento de planos de prevenção, atendimento a colaboradores e capacitações, sempre com base ética e

“Meu interesse é genuíno. Onde houver alguém pedindo ajuda, lá estarei. Sofri na pele e transformei minhas dificuldades em competências. Hoje, dedico minha vida a dar sentido à vida de outras pessoas.”

